



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



“JÁ VI MENINOS AGREDIR MENINAS, MAS SEMPRE EXISTE ALGUMA COISA ANTES”: PROBLEMATIZANDO VIOLÊNCIAS (DE GÊNERO) NAS ESCOLAS

Eixo Temático 30 - (Bio)Docências e Pedagogias de Sexualidade, Corpo e Gênero: Diálogos Interdisciplinares / Axis 50 - (Bio)Sciences and Pedagogies of Sexuality, Body, and Gender: Interdisciplinary Dialogues

Eugèrbia Paula da Rocha ¹
Drièle Luize Souza da Silva ²
Julia da Fonseca Lopes ³
Elaine de Jesus Souza ⁴
Raquel Brandão Pereira ⁵

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo analisar narrativas docentes sobre violências de gênero no contexto socioeducacional. Nosso referencial teórico situa-se no campo dos Estudos Culturais e Feministas, na vertente Pós-Estruturalista. Como estratégia metodológica, utilizamos entrevistas narrativas realizadas com 10 professores/as da Educação Básica, foram duas escolas municipais localizadas no Cariri cearense. Como procedimento analítico, adotamos a investigação narrativa. Os resultados evidenciaram que as violências de gênero se fazem presentes no contexto socioeducacional, posto que os/as docentes ressaltaram que já vivenciaram e presenciaram violências (de gênero) nesses espaços.

Palavras-chave: Educação, Escolas, Feminismos, Mulheres, Violências de gênero.

¹ Doutoranda em Educação em Ciências pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU, eugerbipaula@gmail.com;

² Doutoranda em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG, drielle_rig@hotmail.com;

³ Doutoranda em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG, ju.flopes@hotmail.com;

⁴ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Professora Adjunta do Instituto de Formação de Educadores da Universidade Federal do Cariri – UFCA, professora permanente do PPGECIMA da Universidade Federal de Sergipe – UFS;

⁵ Doutora em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Professora Associada do Instituto de Educação da FURG, atuando no PPGEDU e no PPGECE, pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Educação em Ciências (PEmCiE), raquelquadrado@hotmail.com. Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Orientadora do trabalho.



INTRODUÇÃO

Este trabalho constitui um recorte de uma pesquisa abrangente² com o objetivo de analisar narrativas docentes sobre violências de gênero no contexto socioeducacional. Nos deparamos com uma carência de políticas públicas acerca da violência contra as mulheres, evidenciando a necessidade de investimentos e assistências ao combate às violências contra as mulheres; o acolhimento e o fortalecimento das redes institucionais de apoio às vítimas em situação de violências; ausência e/ou números reduzidos das Delegacias Especializadas de Atendimento às Mulheres (DEAMs) em algumas regiões do país (Quirino; Marques; Araújo, 2013).

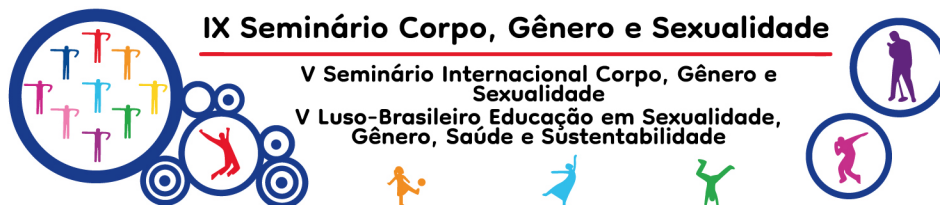
Os efeitos dessas violências comprometem o bem-estar, a segurança e a autoestima das mulheres, tornando-as vulneráveis a práticas machistas, assédios, estupros e relacionamentos abusivos em diferentes espaços sociais, sobretudo escolares e institucionais. Ao ocasionar um sistema de submissão cria um jogo de abusos e violências, constituindo um vínculo difícil de ser quebrado, muitas vezes ocasionando feminicídios. Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública³, o Brasil apresenta altos índices de violência de gênero. Somente no ano de 2021, ocorreram 1.319 feminicídios no País, tendo em média uma mulher morta a cada sete horas em decorrência de seu gênero. Cabe destacar que segundo dados divulgados pela Superintendência de Pesquisa e Estratégia de Ceará (SUPESP-CE)⁴, em 2024 foram registrados 39 casos de feminicídios.

Diante de tais dados de violências, justifica-se a necessidade de problematizar machismos, misoginias e práticas sexistas que ocasionam desigualdades de gênero e o aumento de violências contra as mulheres nos distintos espaços socioeducacionais, a partir da questão norteadora: *O que dizem os/as professores/as da Educação Básica sobre as violências de gênero?*

² Produzida no programa de Mestrado em Educação, pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Vinculado à linha de pesquisa "Educação, Culturas, Identidades e Diferenças".

³ Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/items/81f69453-baf0-4e6a-9f61-f4f6950b1317>. Acesso em: 23 abr. 2025.

⁴ Disponível em: https://www.sspds.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/24/2023/05/Lei-Maria-da-Penha-Abril_2023.pdf. Acesso em: 13 mai. 2023.



ESTUDOS CULTURAIS PÓS-ESTRUTURALISTAS, ESTUDOS DE FEMINISTAS E VIOLÊNCIAS DE GÊNERO

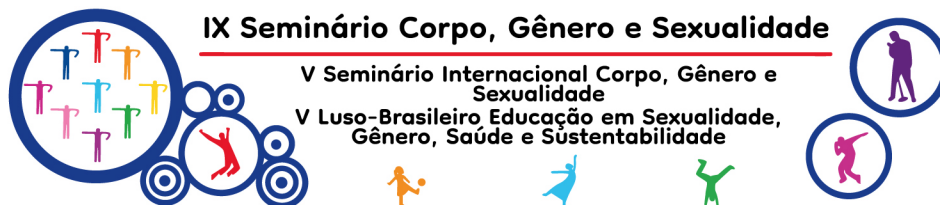
Situadas nos campos dos Estudos Culturais, Feministas e Pós-Estruturalistas, buscamos desenvolver um olhar investigativo para problematizar machismos e desnaturalizar as violências de gênero no contexto socioeducacional. Os feminismos, em suas distintas vertentes, podem ser entendidos como movimentos que reivindicam os direitos sociais e políticos das mulheres, buscando equidade nas relações de gênero (Oliveira; Cassab, 2012). Michel Peters (2000) caracteriza o pós-estruturalismo como um modo de pensamento que problematiza a linguagem e práticas discursivas que constituem os sujeitos, questionando “singularidades”, “essencialismos”, “verdades transcendentais” e “metanarrativas”, visando desconstruir dicotomias e relações de poder que sustentam desigualdades e violências de gênero.

Nesse rumo, compreendemos gênero como uma construção sociocultural que problematiza diferenças entre homens e mulheres, questionando os limites do sexo biológico. Assim, gêneros constituem formas múltiplas de vivenciar masculinidades e feminilidades, como um processo provisório e passível de transformação ao longo da vida dos sujeitos (Louro, 2004; Meyer, 2013).

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Este estudo trata de uma pesquisa qualitativa envolvendo narrativas de professores/as da Educação Básica da rede pública de ensino de duas escolas municipais de Brejo Santo, localizadas no Cariri cearense. Como estratégia metodológica para produção do material empírico adotamos duas etapas: com a aplicação de um questionário e a realização de entrevistas narrativas semiestruturadas. Na primeira, foi elaborado um questionário, que foi encaminhado às escolas para ser aplicado com todos/as os/as professoras/as com a finalidade de fazer o levantamento de dados e o contato dos/as participantes.

Na segunda etapa da pesquisa, realizamos as entrevistas narrativas, que aconteceram entre os meses de novembro e dezembro de 2022, de modo presencial e *online* pelo *Google Meet*. Tendo em vista ser inviável realizar as entrevistas com uma grande quantidade de participantes, sobretudo pelo esforço que isso implicaria nas



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

transcrições e no processo de análise, dentre os/as 20 docentes que responderam aos questionários, selecionamos 10 para a segunda etapa.

O *corpus* de análise foi constituído pelas transcrições das entrevistas. Para tanto, neste estudo, exercitamos o movimento de olhar as narrativas dos/as professores/as sobre as violências de gênero no contexto escolar, levando em consideração suas experiências, histórias individuais e sociais que, ao longo da vida, foram constituindo suas vivências e subjetividades. Para Jorge Larrosa (2002), as narrativas compõem uma modalidade discursiva que constitui os sujeitos, a partir das experiências e práticas sociais que (re)produzem significados.

NARRATIVAS DE VIOLÊNCIAS (DE GÊNERO) E FEMINISMOS: PROBLEMATIZAÇÕES E (DES)CONSTRUÇÕES

A seguir, apresentamos alguns relatos dos/as docentes, a partir de suas vivências e experiências, sobre situações envolvendo as violências de gênero na escola, bem como cenas de assédios e desigualdades de gênero presentes nos espaços socioeducacionais. Quando questionamos se os/as participantes já haviam vivenciado alguma situação envolvendo violência de gênero na escola, ou se já presenciaram alguma cena de assédio nos espaços socioeducacionais, as violências se multiplicam nos relatos dos/as participantes, manifestando-se de diversas formas por meio de relatos de agressões, xingamentos, assédios, racismos, feminicídios, entre outras. Assim, organizamos os relatos dos/as docentes em dois eixos, sendo eles: violências físicas e psicológicas. Nesse movimento, iniciaremos problematizando os relatos que se relacionam com as violências físicas, agrupando as falas dos/as docentes que estabelecem relações entre si.

As narrativas dos docentes Jonas e Jean convergem ao narrarem que já presenciaram cenas de agressão nos espaços socioeducacionais quando destacam que: “[...] Já *presenciei a violência física, um homem agredindo a mulher*”; “[...] Já vi *meninos agredir meninas, mas sempre existe alguma coisa antes*”, evidenciando que as violências físicas se fazem presentes no contexto socioeducacional. Entretanto, as narrativas do participante Jean nos chamam atenção quando busca justificar, banalizar e amenizar essas agressões, apontando a existência de algum motivo que antecede a prática da violência como meio de culpabilizar as mulheres, como se merecessem sofrer tais agressões.

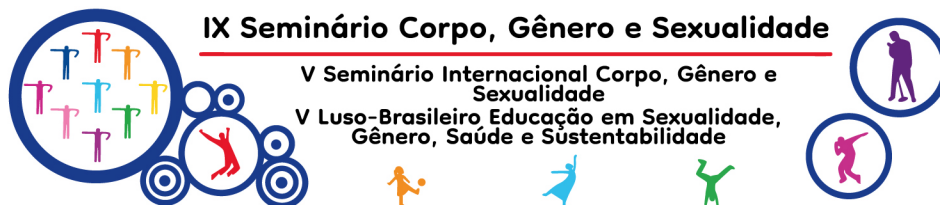


Jean complementa: “*Não foi uma agressão tão grave, mas de qualquer forma houve agressão, porque houve soco, puxão de cabelo, né*”. Desconsiderando a gravidade da agressão, tais narrativas nos impulsionam a questionar: o que se configuraria como uma agressão grave para esse docente? A presença de ferimentos, hematomas ou até a consumação do feminicídio? Quem estaria em posição de determinar o que é leve ou grave? Mariana Boen (2020) destaca a importância de reconhecer uma agressão, seja ela física ou psicológica, leve ou linhas de fatos, como atitude intolerável, sendo percebida como violação de direitos e violência grave. Além disso, é importante considerar agressões físicas como gravíssimas, visto que, nas muitas vezes, elas evoluem para o feminicídio, que pode ser visto como o ápice das formas de violência contra a mulher.

Em relação aos feminicídios, a participante Graziely destaca dois casos que aconteceram em 2023, na região do Cariri cearense: “*Eu lembro de uma notícia que eu vi ontem, foi no Barro, onde uma mulher foi vítima de feminicídio, o homem que matou ela foi um ex companheiro. Teve também o caso do Crato, da moça que morreu dentro da cacimba e foi o próprio namorado que jogou ela*”. Evidenciando que os feminicídios se materializam das formas mais cruéis, interrompendo a vida de muitas mulheres. Para Thais Tassinari (2020), com base na Lei 13.104/2015, podemos compreender como feminicídio o homicídio de mulheres cometido em razão do seu gênero.

Sobre violências psicológicas, agrupamos os relatos que envolvem as questões homofóbicas e os assédios nos espaços escolares. Nesse sentido, destacamos as narrativas dos participantes Bernardo, Jean e Gabriel, quando relatam sobre as situações de homofobia que já presenciaram nos ambientes escolares: “*é mais aquelas violências psicológicas.[...] às vezes é por brincadeira, mas às vezes é por preconceito mesmo de chamar o outro de viado, homossexual*”; “*Eu tive um aluno do gênero masculino e ele estava com as unhas pintadas e aí os outros alunos ficaram chamando ele de forma ofensiva de ‘mulherzinha’, ‘viado’*”; “*Já presenciei na escola, uma vez que dois rapazes, eles se consideravam uma mulher e outro homem, e onde eles passavam de mãos dadas, era complexo. Porque você via que começavam os cochichos em forma de agressão*”.

Tais relatos sinalizam que a homofobia se faz presente nas experiências dos/as docentes, constituindo um problema preocupante nos espaços socioeducacionais. Muitas vezes, se manifesta de forma sutil, camuflada por meio de brincadeiras, cochichos e



piadas preconceituosas, disseminando discursos de ódio que machucam, causam dor e exclusão dos sujeitos que não se encaixam nos padrões da heteronormatividade. Guacira Lopes Louro, (2017, p. 67) alerta que termos como “viado”, “bicha”, “mulherzinha”, não são expressões inocentes, pois constituem práticas homofóbicas e (re)produzem efeitos que machucam e deixam marcas profundas na vida dos sujeitos.

Ademais, nas narrativas da participante Eva, as violências se manifestam por meio de ameaças: “*Já aconteceu em casa. Quando eu era criança, meu pai era alcoólatra e aconteceu de uma vez ele pegar uma faca, para ameaçar, ele sempre a usava, quando ele chegava bêbado. Meu pai nunca chegou a agredir minha mãe, mas ele ameaçava*”. Nesse momento da entrevista, ao relatar sobre essas experiências envolvendo cenas de violências, a participante se emociona, chegando até chorar, e enfatiza: “*É uma coisa que eu sempre vou me lembrar, chega até ter, uma certa emoção em relação a isso, é uma coisa que eu lembro da minha infância que sempre marca*”, demonstrando que as violências de gênero marcam vidas, sobretudo, das mulheres.

As narrativas da professora Eva destacam dois tipos de violências psicológicas: em forma de ameaças; e, por meio da intimidação do pai quando utilizava uma faca para fazer as ameaças. Vale destacar que o Brasil ocupa a quinta posição dos países que mais praticam feminicídios, e, que a maioria dos crimes contra as mulheres ocorre, geralmente, com o uso de arma branca, e na residência das vítimas mortas por motivos relacionados à violência doméstica, cujo assassino costuma ser um homem com o qual a vítima possuía vínculo doméstico, familiar ou afetivo (Xavier, 2022).

Além das ameaças, os assédios também marcaram as experiências dos/as docentes, Eva e Jonas relatam: “*Eu já vi professores assediando as meninas, quando eu era estudante*”; “*Eu já presenciei sim, em sala de aula, alunos homens assediando meninas, ela deu liberdade e ele pegou corda [...] Já vi meninos agredir meninas, mas sempre existe alguma coisa antes né*”. Essas enunciações ressaltam violências de gênero nos espaços educacionais, bem como a naturalização do assédio e da cultura do estupro.

Para Beatriz Sommer (2018), o assédio constitui uma forma de violência que se caracteriza pela manifestação duradoura e repetitiva de atitudes e situações constrangedoras e humilhantes. Já a cultura do estupro, envolve a naturalização das relações sexuais sem consentimento, considerar que a vítima pode ser culpada pela roupa



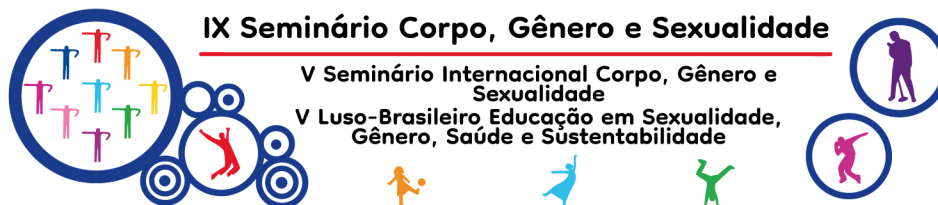
que usa, pela quantidade de bebida que ingeriu ou por lugares que frequentou (Dávila, 2019). Portanto, urge desnaturalizar essa cultura para que a sociedade pare de culpabilizar mulheres por comportamentos machistas, inoportunos e criminosos de homens.

CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS

Os resultados evidenciaram que as violências de gênero se fazem presentes no contexto socioeducacional, posto que os/as docentes ressaltaram que já vivenciaram e presenciaram violências (de gênero) nesses espaços. Assim, a escola constitui um espaço potente para discussão sobre gênero e violências, visando desconstruir uma cultura machista que (re)produz violências nos diversos espaços socioeducacionais. Assim, esperamos que pesquisa provoque fissuras nos currículos escolares por meio de (micro)revoluções diárias, possibilitando desestruturar o patriarcado para lutarmos contra violências (de gênero) e construirmos um mundo justo e igualitário.

REFERÊNCIAS

- BOEN, Mariana Tordin. **Sentidos cotidianos:** os discursos sobre violência contra as mulheres em uma Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2020.
- DÁVILA, Manuela. **Por que lutamos?:** um livro sobre amor e liberdade. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.
- LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. *In:* SILVA, Tomaz (Org.). **O sujeito da educação:** estudos foucaultianos. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 35-86.
- LOURO, Guacira Lopes. **Flor de açafreão:** takes, cuts, close-ups. São Paulo: Autêntica, 2017.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2004.
- MEYER, Dagmar E. Gênero e educação: teoria e política. *In:* LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 11-29.
- OLIVEIRA, Laís Paula Rodrigues; CASSAB, Latif Antonia. O movimento feminista: algumas considerações bibliográficas. **Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas.** Universidade Estadual de Londrina, 2014.



PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

QUIRINO, Glauberto da Silva; MARQUES, Roberto; ARAÚJO, Iara Maria. Acesso e apropriação de políticas públicas de gênero no centro-sul cearense: observações preliminares. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. ISSN 2179-510X.

SOMMER, Beatriz Miranda. **Desigualdade de gênero no mercado de trabalho: percepções de estudantes de Administração durante a experiência de estágio**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

TASSINARI, Taís Tasqueto. **Mulheres estudantes universitárias em situação de violência de gênero e a rota crítica para o seu enfrentamento**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2020.

XAVIER, Manuela. **De olhos abertos: uma história não contada sobre relacionamentos abusivos**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2022.